



Cinco Fórmulas Falsas Para Habitação

Richard D. Ahern

Nota da Redação: Richard D. Ahern é o autor de um artigo para a revista "Urban and Rural Planning Thought" editada por T. J. Manickam diretor da Escola Planejamento e Arquitetura de Nova Deli, Índia. O artigo critica as atuais tendências de planejamento de áreas residenciais nos países da Ásia, mas as observações ali contidas podem ser aplicadas aos conjuntos construídos em outros países e, especialmente, aos que na América Latina, são edificados sob a denominação de "habitações de interesse social". Neste trabalho apresenta algumas das idéias básicas contidas naquele artigo.

"Ásia — terra de bazares exóticos. Côres estimulantes e bêcos fascinantes; de edifícios esculpidos pitorescamente, rodeados de agradáveis jardins; dos edifícios públicos majestosos e dos íntimos espaços de suas casas — é também, seguramente, uma terra de muitas surpresas no campo da habitação pública e privada".

Assim pensa o arquiteto e projetista estrangeiro antes de fazer sua primeira visita ao Oriente. Encontrei os bazares, as côres vivas, os interessantes labirintos dos velhos bêcos, os palácios, e os jardins dos templos. Não, talvez, em tôda a amplitude esperada, porém, indubitavelmente os encontrei. Onde estavam, porém, as novas experiências em habitação? Existem, por certo, algumas exceções notáveis. Mas, o que se encontra geralmente são os centros comerciais impessoais, de estilo ocidental, em lugar dos bazares; monotonia em vez de colorido; planos orientados para o tráfego de automóveis e não no do pedestres; poucos indícios das grandes tradições de ajardinamento e uniformidade em vez de intimidade ou esplendor.

Não é por consciência que isso parece a descrição exata dos projetos habitacionais do Ocidente. Encontra-se, na Ásia tanto quanto no Ocidente, ilustrações tri-dimensionais das "cinco fórmulas falsas para habitação", que tendem a tornar difícil distinguir a habitação de um e de outro continente.

Quais são estas fórmulas? Por que são empregadas? Podem ser justificadas? Há esperança de mudança, ou está a população condenada a ser internada em agrupamentos de trivialidade este reotipada. Vamos examinar a situação.

FÓRMULA NÚMERO UM

Quanto mais baixa a densidade, maior a habitabilidade.

Parece existir uma crença geral de que o espaço é intrinsecamente bom, e que tanto mais dêle se tenha, melhor. Isto conduz a duas escolas de planejamento habitacional. Uma, crê que a zona de habitação unifamiliar, de um só piso e de baixa densidade é o essencial em habitabilidade pois que, desta forma, o espaço fica equitativamente distribuído entre todos habitantes. A outra escola, acredita ser melhor construir edifícios de muitos pavimentos, amplamente separados uns dos outros, de maneira a unificar-se os espaços para uso comum.

O resultado óbvio, no primeiro caso, é a falta de espaço suficiente ou conveniente para esportes públicos, piscinas, jogos infantis, reuniões públicas, parques, locais para passear e sentar e nas regiões onde se observa a prática da reclusão feminina, ausência de espaços onde as mulheres possam reunir-se privadamente. E, nos países onde não existe tal prática, a carência de lugares onde elas possam achar conveniente pretexto para conversar.

No segundo caso, o resultado é a falta de espaço íntimo aberto, propício ao estreitamento de relações individuais ou familiares; áreas públicas desoladas, poeirentas, descuidadas e carência de espaços bem definidos e em escala apropriada aos vários usos comunais.

Em um projeto onde havia espaço excessivo destinado a uma via entre os brancos muros dos blocos de habitação

de três pavimentos, perguntei porque não aproximaram os blocos uns dos outros, para diminuir a abertura entre eles. Isto teria reduzido a distância a vencer a pé, em um clima tórrido e diminuído a área que o planejador imaginara com um prado verde, porém destinado a converter-se, inevitavelmente, numa superfície poeirenta. Ainda mais, desta forma, os espaços abertos comuns estariam definidos, criando um maior interesse e, ao mesmo tempo, uma maior economia no uso da terra, em uma cidade onde o seu valor é exorbitantemente alto. Fui, imediatamente, considerado um "planejador herege" e perguntaram-me: "Você certamente não vai querer aumentar a densidade, vai?"

Qual o significado da densidade? Sua significação está relacionada à quantidade e à qualidade do espaço cúbico disponível. Se um espaço não apresenta utilidade, então por que não construir nêle? Por que não se aumenta a densidade? Se existem necessidades para as quais não se previu espaço (como é caso particular desse projeto) deve-se somar o espaço para atender a essas necessidades. Se o terreno disponível é pequeno a tradição da utilização dos terraços, existente em alguns países asiáticos, sugere certamente o aproveitamento das coberturas para funções que requerem pouca área.

Não há necessidade de usar fórmulas se os problemas são resolvidos à medida em que são propostos. Existem famílias que necessitam de pouco ou de nenhum espaço externo, e existem as que requerem um bom pátio privado, com pouco espaço coberto. Há a necessidade de uma infinita variedade de espaços, cada um apropriado a uma

determinada utilização. Os diversos espaços de uso externo devem estar não somente relacionados logicamente entre si e com a utilização dos espaços internos, como devem estar muito bem articulados e ordenados, de maneira que a circulação entre um ou outro seja uma experiência agradável. Assim, evitar-se-ia a monotonia de unidades de habitação de pouca altura e a fatigante formação de altas unidades regimentadas. Conseguindo-se, por outro lado, uma engenhosa integração de ambas, de forma a permitir que as tradições espaciais do próprio país encontrem sua expressão nos modernos usos da terra.

FÓRMULA NÚMERO DOIS

A menos jardas ou metros, menor é a distância

Esta fórmula parece paradoxal quando comparada com a número I. Quem entretanto, pode negar a tendência da grande maioria dos que trabalham hoje em planejamento para constantemente projetarem, de uma parte, para densidades menores enquanto que, de outra, estabelecem distâncias máximas a serem percorridas pelos garotos para chegarem à escola, ou pelas donas de casa para fazer compras, a pé ou de carro?

Para o agrimensor a distância é uma questão de jardas, de metros ou de qualquer outra unidade de medida bem definida. O habitante do Nepal, entretanto, calcula a distância em termos de número de dias necessários a vencê-la. Quando se pergunta ao asiático leigo: "A que distância..."; comumente ele responde: "muito longe", ou: "não muito longe". Resposta bastante subjetiva e que, muitas vezes, não tem significação alguma para o montanhista recém iniciado. Todavia, a distância deve ser considerada em termos de grau de interesse e não somente em precisas unidades de comprimento. Observei, freqüentemente, que "não muito longe" significa que o caminho a percorrer pode levar através de fascinantes bazares, por belas passagens arborizadas ou por uma via onde se sucedem cenários de absorvente interesse ou beleza natural. Uma distância que é "muito longe" não o é por ficar muito afastada e sim por parecer-se-lo dada à monotonia do caminho.

Seria bom voltar, na fase do planejamento, a esse conceito leigo de distância, já que serão os leigos que julgarão finalmente nossos planos habitacionais. Que ocorreu, por exemplo, com "a vista"? Desapareceu de nossas estradas juntamente com outros obstáculos ao tráfego de veículos e não sem razão.

É preciso, porém, não se deixar intimidar pelos que exclamam: "Belas Artes" ou "arte urbana reacionária", ante qualquer um que pense em termos de belas vistas. Estas sempre fizeram e farão parte do vocabulário estético do planejador urbano, em relação às escalas quer do movimento do pedestre, quer do carro. Os maiores arquitetos contemporâneos continuam usando "a vista" (ainda que tenham aprendido, discretamente, a não falar sobre ela). A vista ajuda a criar interesse e por conseguinte encurta a distância e,

mesmo na escala do veículo, contribui para reduzir "a fadiga produzida pelo motor".

O grau de interesse de uma determinada rota depende também da variedade de atividades que podem ser vistas ao longo da estrada. Isto exige uma associação acertada do uso da terra em relação ao plano visual e funcional. Uma série de elementos variados é muito mais interessante do que uma grande fileira de usos idênticos. Assim, cabe-nos dedicar cuidadosa atenção ao agrupamento dos elementos e à hierarquia das massas urbanas, compostas talvez de altas torres (onde o permitam as condições do solo e econômicas) em contrastes com unidades de pouca altura.

Primeiramente, nada nos deve desviar a intenção de criar um ambiente na escala humana. Esta não é somente a do espaço pequeno, íntimo, para o ser humano, individualmente, também a dos grandiosos espaços para as massas de seres humanos. Esta escala é diferente da escala mecânica do planejador urbano, onde são aplicados os mesmos princípios, porém onde o grau de interesse por milha" (ou outra medida qualquer) não deve ser tão grande quanto quando aplicados à escala humana. O "grau de interesse por hora" poderia, entretanto, ser o mesmo.

A eliminação ou minimização dos elementos distrativos ou inarmônicos deve ser tentada. Isto significa dar atenção aos detalhes: os cabos e postes de energia ou telefone, a pavimentação e o ajardinamento. Não devemos porém, ficar tão presos ao ajardinamento ao ponto de requerer, como nos jardins Moghul do século XVII, um exército de empregados para mantê-los. Estas coisas parecem elementares e seria desnecessário repeti-las se a maioria dos projetos não indicassem uma grande incompreensão dos princípios básicos. Parecemos estar bem mais preocupados com uma aproximação pseudo-científica.

FÓRMULA NÚMERO TRÊS

Quanto mais cientificamente planejadas, melhores serão as unidades de habitação

É rudimentar para o estudante que desenha seu primeiro projeto de habitação projetar primeiro uma unidade tipo de habitação (talvez, duas ou três), que, grupadas, formarão o bloco tipo. Uma vez obtidos, os blocos são convertidos em peças de madeira em escala para compor, numa maquete, um conjunto. Os blocos podem ser arranjados à vontade sobre a base. Chega-se a uma disposição não desagradável e que dura até o vice-presidente da empresa imobiliária deter-se ante ela, olhá-la e descobrir que torcendo, por exemplo, de certa forma, quatro blocos consegue colocar mais um. Este é o processo de planejamento.

O primeiro erro parece ser o de admitir que "existe algo como uma família típica". A família típica, porém, existe somente nas estatísticas. Considerar-se, por exemplo, a questão da orientação. Enquanto a luz do sol é muito apreciada pela maioria das pessoas, existem outras, homens de letras, modistas e artesãos, para as quais a

luz do norte é a mais desejável, para leitura, pintura ou execução dos seus trabalhos. Outro exemplo: quem quer que estude os planos da habitação urbana contemporânea, poderia, com toda razão, supor que o sistema da família numerosa já não existe. Ainda que isto seja certo em relação a muitas famílias, outras, todavia, ainda conservam este sistema. Poderia, também, pensar que o solteiro é um elemento social inexistente; que o homem ou a mulher que gosta do que é agradável são apenas entes românticos perdidos (pertencentes a uma classe obsoleta que desapareceu no século XIX) e que o homem do século XX pode ser reduzido a uma análise matemática.

O dogma da orientação para o sul que no início da história da habitação foi uma razoável reação contra as condições insalubres e a falta de luz nos tugúrios converteu-se comumente, em uma farsa. Nos esforços para suavizar a dura aparência das fileiras de blocos paralelos de habitação o planejador freqüentemente introduz desvios e quebras do alimento. Compare-se, então, a orientação das unidades de um dos extremos com as do outro. Que diferença. O que à primeira vista parece uma ordem racional tem na realidade pouca base científica. O ciclo é completo porque o que começou como lógica converteu-se em fórmula mal aplicada e conseqüentemente sem lógica. Devemos, certamente, cuidar da orientação, porém sem escravizarmos a ela, já que inúmeros são os problemas a serem resolvidos. Alguns desses, às vezes, suplantam o fato do ângulo precioso de penetração da luz solar no dia 22 de junho, ou qualquer outro de ordem estatística.

Deve-se, por todos os meios, continuar a pesquisa para estudar os efeitos da habitação humana sobre seus ocupantes. A pesquisa porém nunca deverá conduzir a uma unidade residencial ideal. O homem constrói há milhares de anos e não a descobriu. Não conseguirá nunca descobri-la enquanto ele mesmo não se converter numa máquina. Não se deve projetar a unidade ideal de habitação e repeti-la até o cansaço. A pesquisa deve ser estudada, analisada e colocada em mãos do planejador para que este a utilize como ponto de partida, nunca como um fim em si mesma.

Um planejador "sólto" pode desde já, ser uma pessoa perigosa, assim sendo, é razoável vigiá-la. Isto conduz a um dos mais difíceis problemas no campo da habitação, que é o de assegurar um vlgilância agradável. Pouco se pode esperar em matéria de bons projetos enquanto a principal qualificação exigida para o exercício de altos cargos em programas habitacionais fôr, como freqüentemente ocorre, a influência política. Não conheço, sem exceção alguma, nenhum sucesso no campo da habitação, onde o diretor não tenha tido uma considerável experiência em habitação e uma boa disposição para com ela. É inútil discutir as vantagens da pesquisa sobre a intuição, no planejamento, se a pessoa que tem nas mãos o poder de decisão final respeita ambas, muito pouco. O êxito dos programas habitacionais não pode ser medido, como bom ou mal, segundo a inclinação da curva dos gráficos colocados nas paredes; ele é sentido, em última análise, de maneira

certa, ao notar-se o olhar de satisfação na face dos habitantes.

FÓRMULA NÚMERO QUATRO

Quanto mais uniforme o projeto, maior a economia

Funcionários de programas de habitação da Ásia explicam que as condições econômicas são tais que não é possível introduzir maior variedade, sem elevar o custo da construção. É estranho que esta mesma explicação seja dada nos Estados Unidos, onde as condições econômicas são totalmente diferentes, para justificar a falta de variedade. Na realidade, arquitetos e outros funcionários de ambos os continentes usam a economia como desculpa. As verdadeiras razões são, entretanto, falta de imaginação, falta de capacidade criadora e falta de amor ao trabalho.

Onde o custo da mão-de-obra é alto, a uniformidade influe no preço: se um operário pode fazer o trabalho de olhos fechados, isto significa uma economia de tempo e conseqüentemente de dinheiro. Ainda assim, arquitetos como Walter Gropius, por exemplo, expuseram, há muito tempo, as vantagens de criar unidades moduladas uniformes, industrializadas, pré-fabricadas, para habitação. Estas unidades poderiam ser dispostas e arranjadas com infinita facilidade e ao mesmo tempo, com grande economia. Na Ásia, onde o custo dos materiais é alto, tal industrialização seria cara, porém, também na Ásia, o custo da mão-de-obra é tão baixo que a variedade nos planos de construção pesaria muito pouco no custo global, e este acréscimo seria compensado de muitas formas. Os dividendos da variedade em relação aos da uniformidade são muitos.

O primeiro dividendo é sociológico. Eminentemente sociólogos são de opinião que a segregação em grupos econômicos, grupos de idade, de interesse, ou outros, conduz à estreiteza de mentalidade; ao estancamento mental; à ausência de habilidades interdependentes, essenciais em qualquer comunidade e, principalmente, ao tédio (o vocábulo elegante é "ennui"). O extremo oposto, o da completa diversificação sociológica, não deve ser considerado como a meta desejável, pois poderá, muitas vezes, conduzir a um estado de ficção interna, dentro da comunidade. O equilíbrio dos diversos elementos sociais, seria melhor. A determinação precisa deste ponto ideal de equilíbrio varia de comunidade para comunidade. De qualquer forma, é necessária maior diversificação do que a existente na maioria dos projetos de habitação, para fazer a balança inclinar-se para o outro lado.

Provenho uma variedade de tipos de habitação a família que consegue aumentar sua renda não precisa sair do seu ambiente para ter uma moradia mais adequada. Algumas dessas famílias poderiam ampliar suas casas. Outras mudarem-se para alojamentos maiores ou melhores.

Obtendo uma gama completa de unidades de vários tamanhos, uma comunidade pode atrair aquelas pessoas que prefeririam a alegre ambiência dos jogos infantis à sombria tranqui-

lidade de um asilo para velhos. Os meninos poderiam gozar das pequenas vantagens dos pensionatos da classe "média acomodada". A interação social exercida numa variedade de níveis redundaria no estímulo dos seus habitantes.

Quando a filosofia da grande variedade substitua a da uniformidade, os projetistas pensarão em deixar espaços para que a iniciativa privada se desenvolva no coração do agrupamento de habitações (housing development). O que não só poderá reduzir os efeitos do modelo estereotipado, como significar esforço criativo na etapa do planejamento, ou uma maior vigilância na etapa da construção.

Podem ser introduzidos, novamente, nos programas de habitação o uso apropriado da terra para fins não residenciais. O bazar não perdeu seu valor econômico e pode voltar novamente. A escola secundária não estará situada fora da comunidade como se fosse uma colônia de leprosos e sim será convertida no ponto focal de todas as atividades da comunidade, dia e noite. Seus campos de esporte serão espaços abertos bem recebidos, e permitirão o reaparecimento da variedade espacial. Certas indústrias artesanais poderão ser permitidas dentro do padrão do uso da terra residencial.

Os esforços sinceros para conseguir economia através da uniformidade dão como resultado o esgotamento dos pontos focais sociais da comunidade. Nas cidades antigas, estes pontos focais estavam situados nas cisternas, nos tanques, no salão de chá local, ou simplesmente sob uma árvore frondosa. As modernas instalações sanitárias tornaram antiquados alguns destes pontos. Outros, entretanto, continuam válidos e o projetista consciente poderá criar novos. Que se construam tanques novamente. Chamados de piscinas, não mais compartilhados como o gado e com as cabras, serão, porém, eficazes para criar um espírito de orgulho cívico. Façamos novamente pavilhões para servir àqueles que buscam a sombra agradável e que atuando como imãs atendam a uma grande variedade de atividades sociais. Permita-se o retorno do terreno arborizado para atrair grupos de conversa. Reviramos o bosquezinho murado que induz à contemplação e é remanescente dos terrenos dos antigos templos. Deixe-se espaço para postos de yakatori ou Sushi, dabab ou Samosa ao ar livre. Não esqueçamos os cafés escondidos ou as salas estrategicamente situadas. Certifiquemo-nos de que há espaço para empinar papagaios em Bangkok, para espetáculos pirrécnicos em Tóquio e para o desenvolvimento de qualquer das centenas das pitorescas cerimônias da Índia.

Se não é possível pagar qualquer destas coisas com fundos públicos, com a renda provinda da venda ou do arrendamento da terra à empresas privadas, ou com um pequeno aumento da densidade mediante a eliminação do espaço que se desperdiça na maioria dos projetos, então vamos prever espaços para eles e planejar para eles. A comunidade muitas vezes acha espontaneamente os meios de completar o projeto.

Qual será, em ampla perspectiva, o efeito deste afastamento da uniformidade? A criação de uma comunidade estável que, dada sua responsabilidade inerente, continuará atraindo residentes durante muitos decênios. Com isto prever-se-à a futura e eventual renovação de que necessitará um dia toda a comunidade. Nesta ocasião, grandes economias serão realizadas, resultantes do fato de se ter adotado uma acertada política de diversificação em oposição à uniformidade.

FÓRMULA NÚMERO CINCO

Quanto mais amplas sejam as vias, mais moderno é o projeto

Se escolhermos ao acaso cem projetos de habitações asiáticas e os estudarmos veremos que pelo menos 90% deles são guiados por um sistema viário. Os blocos de habitação são perpendiculares, paralelos, ou disposto em ângulo uniforme em relação às ruas. Os passeios para pedestres são paralelos aos sardineles (?) Monumentos antigos, grupos de árvores ou cursos água estão circundados pela estrada como se o automóvel que passa ao largo fosse obrigado a aproximar-se. O mais desrazável de tudo é, entretanto, a avenida monumental, que serve de espinhaço para toda a comunidade, o que constitui um erro freqüente.

Por que dar tal atenção à rua em comunidades onde poucos habitantes chegarão a ter carro próprio, pelo menos enquanto morem em agrupamentos de habitações? Pode-se pensar que os planejadores são previdentes e que portanto previram o futuro aumento de proprietários de automóveis. Observação mais cuidadosa indica que isto não é verdadeiro pois não se levou em consideração a previsão de áreas adicionais para o estacionamento de carros.

Uma única conclusão é possível: a imitação dos projetos ocidentais, com todas as suas falhas, é de novo a base do planejamento. Na realidade, ainda que no Oriente, os projetos de habitação sejam planejados ao redor do sistema viário, os planejadores ocidentais se dão conta, cada vez mais, da necessidade de se voltar ao uso de nossas próprias pernas e de afastar o pedestre do trânsito de veículos.

As ruas são construídas ao redor das zonas de grande movimento, e não através delas. Zonas verdes interiores ou uma espécie de passeio comercial para pedestres, são previstos. O automóvel está escondido sob uma plataforma elevada chamada "coberta, mais barata que o estacionamento subterrâneo, mais econômica, em termos de desperdício de área, do que o estacionamento na superfície e mais conveniente que a garagem.

É surpreendente ver quão pouca atenção se dá na Ásia ao cidadão não motorizado e que constitui o grosso da população. A maneira mais econômica, prática e agradável de dirigir o movimento de pessoas é estimular a circulação a pé, o trânsito de bicicletas e de

massas. Uma vez que a discussão destes meios estaria melhor colocada no campo do planejamento do que no da habitação, só resta sublinhar aqui que o plano de obras para habitação deve começar pela etapa do planejamento.

Se bem que o Oriente, avançando rapidamente na direção da industrialização e da urbanização, busque guiar-se, neste caminho, pela experiência e precedentes ocidentais, os planejadores ocidentais começam a olhar as grandes tradições do Oriente a procura de inspiração para solução dos problemas modernos. Admiramos, particularmente, as normas tradicionais de circulação a pé, a integração da arquitetura e do ajardinamento, a intimidade do pátio oriental, a infinita variedade conseguida através de materiais de construção simples e a adequação das técnicas tradicionais ao clima e a topografia. Afortunadamente, um crescente número de arquitetos e planejadores dos países asiáticos se estão inteirando de sua herança. Recusam as imitações vulgares. E, freqüentemente, ao resolverem completamente problemas contemporâneos conscrevem soluções consequentes com as veinas normas de construção.

Notável progresso tem se conseguido, tanto em obras já construídas, quanto em obras ainda em projeto. O desenho interior de algumas unidades residenciais recentemente construídas pela Japan Housing Corporation parecem amplas e, no entanto, têm o atrativo íntimo do lar tradicional japonês. Deve-se assinalar, também, que os arquitetos Tange, Kurokawa, Otaka e outros de pesquisa sobre projetos contribuíveram ao grupo "metabolismo", ram de maneira valiosa ao pensamento criador no campo da habitação. As recentes obras de habitação dirigidas pelos senhores Frazer e Firth em Hong Kong são de uma extraordinária força e magnificência. As experiências em côr integral com o material têm, também, tido êxito. No Vietnã os estudos inéditos do arquiteto Ngo Piet Thu resultem de forma dinâmica a herança cultural do seu país. Os consultores Harvey Brown e Roger Aujame das Nações Unidas, o primeiro em Dacca e o segundo em Kabul, demonstram um grande respeito pela forma indígena. O professor T. J. Manickman, de Nova Deli está revivendo o espírito de Patrick Geddes no estilo moderno de planejamento e habitação.

Le Corbusier, Maxwell Fry e Jane Drew estabeleceram uma norma de habitação em Chandigarh que provavelmente por muitos anos servirá como uma marca de alto nível na Índia. A lista é incompleta, porém estes exemplos indicam um renascimento asiático no campo da habitação.

Com este progresso, talvez não esteja longe o dia em que o planejador ocidental encontre nos novos projetos de habitação na Ásia um reflexo de sua herança cultural na arquitetura, no ajardinamento e no planejamento urbano.